as coisas que não cabem

Copyright © 2026, Severo Garcia
Edição: Roberto Schmitt-Prym
Capa: Fotografia de Severo Garcia
Todos os direitos desta edição reservados.



Rua Marquês do Pombal, 783 - Sala 207
90540-001 - Porto Alegre, RS
Fones: (51) 3779.5784 - 99491.3223
www.bestiario.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Ketlen Stueber - CRB 10-2221

G216c Garcia, Severo

As coisas que não cabem / Severo Garcia. – Porto Alegre : Bestiário, 2026.
60 p. ; 14 cm x 21 cm

ISBN 978-65-6056-221-9

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

2026-161

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Poesia 869.1
2. Literatura brasileira : Poesia 821.134.3(81)-1

as coisas que não cabem

severo garcia

editoraBESTIÁRIO

Porto Alegre, 2026

[álamo amargo] 12
[cartografia do avesso] 13
[relevo] 14
[coreografia do mundo] 15
[verdepalavra] 16
[ventre do rio] 17
[poema-lembrança] 18
[abrigo dos carrilhões] 19
[primal] 20
[contorno do movimento] 21
[mapa das palavras presas] 22
[poesia-subúrbio] 23
[água turva] 24
[entrepernas] 25
[geografia do transitório] 26
[distância segura] 27
[alfaiate de problemas] 28
[inventário dos atrasos] 29
[poesia-fratura] 30
[no trono] 31
[preço do gás] 32
[entre rotas] 33
[do lado do rastro] 34

[parto-poema] 35
[poemas caem do céu] 36
[datilografia do desatino] 37
[banquete da fome] 38
[corpo-infarto] 39
[pulso do universo] 40
[a gravidade do chão duro] 41
[espelho d'água] 42
[anônimo] 42
[na beira do instante] 43
[passarela] 44
[um milhão de verdades] 45
[entrevocê] 46
[matéria do quase] 47
[mil peças] 48
[fresta] 49
[por dentro] 50
[sujeito da oração] 51
[desassossego] 52
[casamento] 53
[avesso da espera] 54
[sujeito de sorte] 55
[última página] 56

Havia o que se via
e o que não se via

Ferreira Gullar, *Barulhos*

Me atolei num útero de lama
O ar perdeu o fôlego

Raul Bopp, *Cobra Norato*

prólogo

Há palavras que não cabem no corpo por excesso de vida.
Se acumulam nas frestas, nas dobras da rotina,
nas gavetas que guardam o que não se diz.
A poesia nasce daí: do que transborda, do que escapa,
do que não se cala.

Neste triz, *as coisas que não cabem* recolhem o que se esconde:
a fome e o amor, o trabalho e o sonho, o chão rachado
das cidades, o sopro de quem ainda respira.
Cada poema é um pedaço de rua, um rastro, um aceno.

O que não cabe no tempo, cabe aqui.

[álamo amargo]

tenho um verde
a.m.a.r.g.o
e o escuro bem escuro
diluo em água
t.u.r.v.a
a minha voz de serrote
dissipo o aperto
f.u.g.e.n.t.e
em Saramago sépia
no sopro do quente
dos mil beijos ardentes

[cartografia do avesso]

o avesso vira verso
e tudo que é letra
fica adversa
como uma parte qualquer
solta, perdida
num canto incerto

entre silêncio e lampejo
a palavra se despe

não haveria poesia no mundo
se o verso não se pusesse
na eternidade
contrário à certeza
dos passos retos
na direção do diverso

[relevo]

fechei os olhos
e as pontas dos dedos leram as palavras
como se o dito estivesse escrito
na ausência das imagens
o toque sabe por onde deve seguir
as palavras têm relevo

[coreografia do mundo]

na invenção das palavras
no *quasimodo* de reverter
o que se curva
ou se faz quadrado

do que insinua um significado
e finge ter sentido,
a forma celebra
o triunfo da ilusão

a vida promete
profere esperanças
da fantasia à utopia
na loucura propriamente dita

e, por fim,
de maneira mansa
invade e embaraça
o sossego doméstico
dos bichos humanos

coleciono poesias
em bloco de notas
miudezas guardadas
no que importa

a poesia desacomoda o lugar comum
bota o bloco na rua
faz troça de quem é obediente

cultivo o hábito
de plantar poemas
em vasos minúsculos

a poesia é suculenta
resiste às intempéries
até dos desatentos
persiste em secas
ou enxurradas

cuido de poemas
como quem está atento ao que diz
banho palavras em um redemoinho
bagunço as rimas prontas

a poesia escolhe
onde pode se acomodar
para nos mover

[ventre do rio]

no interior
na carícia profunda
do movimento
a lua testemunha
o vai vem
do que nasce
no ventre do mundo
no fundo do rio
na esperança de vida

[poema-lembrança]

abri a página
ela presenteou –
era um poema seu,
como se estivesse vivo,
concreto, marginal
soprando um ar fresco
sem distâncias,
abrigado em partes de cidades,
percorrido no interior das diferenças

foi aquele seu poema
que abre num parêntese
e se encerra numa pergunta
onde reparei nas certezas
de uma pequena indagação

foi naquele poema que você escreveu
é proibido proibir
– ou tô confundindo com aquela música

outro dia escrevi algo
num guardanapo de bar
coisa simples, banal
só pra dizer que lembrei de ti,
só pra partilhar o agora,
só pra não perder
o que se passa por aqui

[abrigo dos carrilhões]

esses dias
fiquei pensando no quando –
e o que se guarda

deixei de lado o refúgio
migrei os dedos
e comecei ponderar

a lembrança é reticente

uma valsa
uma toada
uma canção
num choro qualquer
quando ninguém ouve

aí sim
a memória será som
os dias serão quando

[primal]

para Cristiane Damiani Tomasi

sonhos voam
entre dores e contrações
sem contratos definitivos

vísceras e verdades corroídas
residem no ventre
em uma camada de sinais invisíveis

de fora para dentro
arrancados em um grito
de corpo e acontecimento
emergem como salvação
num espelho d'água

de dentro para fora
um segundo guarda
uma eternidade

[contorno do movimento]

ao encontrar espaços soltos
outras formas se formam

ao dançar enlaço
pequenas partes dispersas
num mistério do corpo

ao girar contorno
sonhos com linhas imaginárias
em um balanço inacabado

ao virar de cabeça para baixo
encontro olhos e olhares
que contém um desenho longínquo

ao sonhar, danço
e só o meu corpo sabe
onde está
o que sou
ao entrelaçar as pernas

[mapa das palavras presas]

acordei
com as palavras
entaladas
e descobri
o peso
da mão

a palavra
saiu arrastada
um traço
um estilhaço
e acabou
quieta
presa
no chão

[poesia-subúrbio]

as canções da quebrada
em subúrbios da cidade
cantam contradições insolúveis
entre abismos mentais
e a fome diurna
do inferno da vida
na mistura com a rua
na beirada da dúvida
na espera da trégua
da noite tardia

[água turva]

uma goteira
preenche o espaço vazio
com água turva
de males afogados
no fundo do poço

na lama
impossível remover
o escondido

o que mata
também parte

terra
água
se confundem
como pequenos complementos
de lugares em que se cresceu

um dia
o retorno será
espelho opaco

[entrepernas]

feminicídio
mácula
colonial
saída
íntima
e familiar
desfeita
na face
odiosa
de
um
crime
de
aversão

[geografia do transitório]

trabalho
transitório
entre
o aberto
indiferente

entre
o imperativo
certeza

entre
o sútil
determinante

[distância segura]

tormentos aquebrantam o tempo
dias oscilam
mares agitados
barcos encalham

sujeitos procuram
botes flutuantes
tranquilos
na tempestade

outros leem notícias
em um lugar equidistante
nem sabem
o que os atormenta

se acalmam com o assombro
agradecem estar a salvo
abandonam a tragédia
sobrevivem
como abastados

[alfaiate de problemas]

quem causa problemas
é levado ao porão
como um comunista assustado
quem mergulha no tempo
é conduzido à travessia
como um barqueiro cego
quem celebra a ausência
é batizado para a redenção
como um poeta anarquista
quem assalta a geladeira
é esfomeado pela salvação
como um empreiteiro evangélico
quem agarra a certeza
é deslocado para a avareza
como um adivinho desmemoriado
quem dorme à noite
é homenageado pela história
como um rei sonâmbulo
quem procura mensagem
é influenciado pela saudade
como um historiador dementado
quem recita a poesia
é apaixonado pela proibição
como um bandido amável
quem chega até aqui
é arrastado pela palavra
como um desavisado lunático
quem sabe, duvida

[inventário dos atrasos]

tá tudo quadrado
tá tudo trocado
tá tudo estático
tá tudo mudo

tá tudo ou nada
tá tudo errado
tá tudo pronto
tá tudo certo

tá tudo parado
tá tudo à espera
tá tudo liberado
tá tudo em círculo

tá tudo em cima
tá tudo como era
tá tudo como um dia será

tá tudo distante
tá tudo preservado
tá tudo dito
tá tudo escrito

tá tudo aqui
tá tudo pra ser mudado

[poesia-fratura]

a poesia
fratura do mundo
fissura, fenda
ferida estreita,
reentrância invisível,
projeto inacabado

desengaveta, arrepia
convida, amplia
a textura do dia
afasta barreiras,
anda perdida no mundo

[no trono]

observa
com atenção
as pérolas
escondidas
na escuridão

a camada abundante
que recobre
o corpo flácido
no despropósito do trabalho

olha para os ombros
as pequenas manchas senis
partículas mortas
em decomposição invisível

o corpo, de perto
é poroso
profundo calabouço
nem microscópios
são capazes de revelar
a decomposição
instantânea
do trabalhador

[preço do gás]

não aprendi a escrever *croissant*,
não pode ser verdade
morrer de fome

não compro gás de cozinha
não sei o que fazer para me alimentar

não estou cozinhando miúdos
nem o cheiro preenche

não há como comprar um botijão de gás
quando a barriga reclama do vazio

não sei como descrever
a pontada no estômago
do eco da fome

[entre rotas]

acordei
era cedo
suspirei
o ar gelado

a fome abriu a barriga
levantei as mãos
nada aconteceu

caminhei até a saída
escutei o barulho da cidade
sem escolha

olhei para o chão
segui a calçada
outro dia
igual a outro

[do lado do rastro]

na cama
viro de lado
para ter certeza
de que estou longe

quando me afasto
do que não gosto
degluto
a áspera constatação

uma razão
uma raiva
uma desculpa

madrugar
em uma planície inesperada
em passos
de ausência

[parto-poema]

para Catarina Tomasi Garcia

parto –
poema
pela liberdade de parir
para nascer plenamente

parto –
palavras
com as mãos
pela garantia de propósito
para produzir potência

par –
poema
uma pequena parte
pronta para o mundo

[poemas caem do céu]

o vento sopra
e alcança as mãos
em um pequeno pedaço de papel

a liberdade plana
e se assenta no amanhã

poemas flutuam no ar
acomodam-se no chão
e, antes de serem lidos,
se encontram
sem que ninguém veja

[datilografia do desatino]

anoto números
com teclas luminosas
e a esperança se prende
na tela em branco

o risco é obsoleto
em nuvens invisíveis
e a palavra se acomoda
no corretor automático

não há problema algum
na caligrafia
dos escritos
o acaso se traduz
em instantes

os séculos passam
e algumas palavras
morrem desacomodadas

se o destino fosse uma verdade
o passado
não existiria

[banquete da fome]

o que importa
se a barriga está vazia
o que importa
se não há consenso
o que importa
se a cotação da moeda oscila
o que importa
se você tem fome
o que importa
se a geladeira está vazia
o que importa
se o peso da fome
faz pesar os olhos
e dobra o corpo

[corpo-infarto]

dor crônica
invade o peito,
e cada instante
insiste em guardar
um passado de anseios

tudo se parte
num abraço,
como se tivesse batido
em algo escondido
descaso,
talvez descuido

volta e meia,
a ponta dos dedos avisa
é hora de parar

[pulso do universo]

para Maria Luiza Avila Garcia

um ruído no ouvido
guardado do lado de fora
transbordou no ar

e um amor profundo,
tão antigo quanto o tempo,
rompeu a fronteira
entre o real e o possível,
invadindo o dentro

o amor é uma equação dos primórdios
início inaudível
que se sente antes de ser,
reformula o mapa do visível,
move e desordena
o pulso do universo

[a gravidade do chão duro]

andar descalço
no drama do asfalto
de modo calmo
no desespero do escasso
no trago humano
que carrega contraste

andar descalço
sem número de calçado
sem sapato reformado
pisar no chão duro
que esmaga a gravidade

[espelho d'água]

para Carlos Alberto S. Garcia

meu pai foi salvo
enquanto a semana o consumia
de segunda a sábado
no domingo, lustrava os sapatos, como quem refletia o próprio destino

meu pai subia a ladeira
e entendia o mistério
de cada coisa que acontecia
os passos sumiam sob o peso dos próprios dias

meu pai cumpria os horários
ao contrário do tempo
não reclamava do fardo
ainda que os calos deformassem seus pés

meu pai não se importava
desde que eu jamais
precisasse trilhar
os mesmos percalços

[anônimo]

um branco
uns preto
um sim
uns não
um vive
uns morre
um muito
uns pouco
um homem
uns somem

[na beira do instante]

no silêncio, o tempo
analisa, amiúde, os riscos
os tropeços
o ruído que demora a passar

entre uma decisão
e um amanhã que nunca será
o tempo carrega esquecimentos
nos porquês
nos caminhos
no que se teve
no que ainda se faz
na espera
do que virá

[passarela]

não sou
lá
onde se espera

assim
podes –
como todo mundo –
procurar
o que te contém

[um milhão de verdades]

depositei em sua conta
um milhão de verdades
você duvidou do saldo
não encontrou razão
no movimento

segui sonhando
acordar contigo ao lado
sem pé-de-meia
mas com um engano
bem guardado

[entrevocê]

no singular
se assenta
toda a teoria

mas
sustentar o nada
é costurar
bordas infinitas

como amar
no encontro
em que se despe
entre pesos
pesados

[matéria do quase]

não sairia de casa
por meia garrafa
talvez uma
ou uma e meia

ninguém sabe ao certo
quando o limite
se move

foi rápido
os olhos se fecharam
o poste parou o corpo
em choque

os dentes escorreram

ficou a imagem
seis meses – ou mais –
sobre a cama
sem saída

tragédias privadas
do que não se redime

[mil peças]

desesperadamente
esquivo
às peças
de um
quebra-cabeça
de mil pedaços

que desafia
a madrugada
como um
despertador insone
da realidade
que não deixa dormir

[fresta]

dei por certo
desatar
histórias escondidas
nas profundezas do ventre

como se não houvesse mais espaço,
elas começaram a ocupar
outros lugares
no quintal do mundo
na frente do sol

[por dentro]

antes de dormir
por algum instante
o mundo para de girar

como se nada acontecesse

a vida encontra uma saída
como se houvesse amanhã

neste átimo
o presente do dia
serena males
e o alcance da realidade
se aconchega em afetos inebriados

por alguma razão
as feridas saem do lugar
em um fio de consciência
e, por equilíbrio,
rompe-se outro mundo
para adentrar
num tesauro

[sujeito da oração]

leio
rápido
– incapaz
de ter paz

recorto
capas
cartazes
tudo solto
sem rumo certo

leio
como quem costura o ar
para refazer
a própria voz

retiro
cutículas
com dentes afiados
até as palavras sangrarem
da matéria humana
voraz,
desordenada, direta

um sujeito se anuncia –
pronto para
uma oração
onde não cabe o silêncio

[desassossego]

o afeto
assusta,
acerta,
o incerto
desperta,
desassossega,
suga,
cega –
só
assim,
feito
amor

[casamento]

casacaixa
casanova
casamia
casanossa
casagrande
casarão
casavelha
casavazia
casacheia
casachão
casateto
casarosada
casalar
casacota
casadivida
casamata

[avesso da espera]

no balanço do acaso
a poesia nasce
no rio sinuoso
de um mundo que se desfaz
e se refaz num instante

no escrito sem aviso
no risco-improviso
na distância que se apressa
no agora que aflora

no ponto sem espera
da quimera sincera
no manifesto do desvio
na promessa do infinito

[sujeito de sorte]

ano passado
adormeci
sem amanhã
sem acordar
de tanto medo
de tanto chorar
até que, enfim,
aconteci

[última página]

certos livros
leio pelo final

e às vezes
uma grata surpresa
me faz levantar
e até rabiscar no papel

mesmo que seja
na última página
quase sempre com um espaço em branco
esperando

para que se comece
algo novo,
nascido
no começo do fim

como num livro
de poesias

as coisas que não cabem